

PRÁTICAS EDUCATIVAS DESENVOLVIDAS PELO DISCENTE DE EDUCAÇÃO FÍSICA: O CONTEÚDO LUTAS NA ESCOLA

Letícia Rocha Moreira*
Kalyla Maroun**

Resumo

Este trabalho objetiva relatar minha experiência de estágio enquanto discente de Educação Física, numa turma de 1º ano do ensino médio, com o conteúdo de lutas, que foi dividido em três temas: boxe olímpico, judô e capoeira. Dentre estes, o judô foi o esporte com o qual tive maior facilidade de trabalhar, devido à minha experiência prévia com tal atividade. A partir desse relato, podemos destacar algumas dificuldades com as quais os graduandos podem se deparar no momento em que iniciam seus estágios docentes. Tais dificuldades compreendem desde a infraestrutura no âmbito escolar até o trabalho com conteúdos da cultura corporal distantes de suas experiências prévias e dos saberes acumulados antes mesmo da formação inicial, o que exclui esta última como responsável exclusiva pela qualidade das práticas educativas.

Palavras-chave: Lutas. Formação Inicial. Práticas Educativas.

INTRODUÇÃO

A educação brasileira passou por grandes transformações nas últimas décadas, que tiveram como resultado uma ampliação significativa do número de pessoas que têm acesso à escola, e também um aumento do nível médio de escolarização da população. No entanto, estas transformações não têm sido suficientes para tratar de temas como a equidade e a diversidade, ou seja, a igualdade de oportunidades que a educação deve proporcionar para públicos diferenciados, pertencentes a contextos socioculturais diversos. Como aponta Romualdo Portela de Oliveira (2007), apesar da ampliação do acesso e permanência de amplas camadas da população no sistema escolar, e, principalmente, da universalização do Ensino Fundamental na última década do século XX, o desafio da qualidade do ensino na Educação Básica permanece.

A Educação Física escolar é uma área de interação docente em que os alunos de graduação, ao longo da formação inicial, têm dificuldade de atuar. Tal atuação ocorre, a exemplo da realidade do currículo da UFJF, nas disciplinas de Estágio Supervisionado I e II, que devem ser cursadas, respectivamente, nos 7º e 8º períodos. O Estágio Supervisionado I é realizado no Ensino Fundamental, já o II no Ensino Médio e, em ambos os casos, há tanto a observação como a intervenção nas aulas.

* Mestranda em Educação Física pela Universidade Federal de Juiz de Fora em associação ampla com Universidade Federal de Viçosa, Membro do Grupo de Estudos GEFSS/CNPQ. E-mail: lermoreira@yahoo.com.br

** Doutora em Educação pela PUC-RJ. Professora da Faculdade de Educação Física UFRJ. Membro do Grupo de Estudos GEFSS/ CNPQ. E-mail: kalyllamaroun@gmail.com

Dentre as dificuldades, destacamos as condições de infraestrutura e material, principalmente na rede de ensino pública brasileira. Outra dificuldade encontrada pelos discentes na prática docente remete ao trabalho com conteúdos distantes dos saberes e das experiências prévias destes futuros professores que, mesmo compreendendo a cultura corporal, objeto da Educação Física, enquanto linguagem que deve ser historicizada (SOARES et al., 1992), optam por eger em sua prática pedagógica conteúdos com os quais estão mais familiarizados. Porém, na educação para a igualdade de oportunidades e para a valorização da diversidade, um dos desafios é permitir ao aluno a plena participação e acesso ao vasto campo da cultura corporal, lhe possibilitando o desenvolvimento crítico e transformador da realidade social no qual está inserido. O objeto da área de conhecimento da Educação Física pode ser representado, portanto, por diversos temas, dentre os quais destacamos o esporte, as lutas, as ginásticas, os jogos, as danças e a mímica, que devem ser apreendidos em seus movimentos contraditórios (BRACHT, 1999).

Enquanto componente curricular da Educação Básica, a Educação Física deve, além de integrar o aluno na cultura corporal, formar o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir dos respectivos temas já citados acima (BETTI, 1992).

Embora tais questões estejam sendo discutidas em cursos de formação de Educação Física, estas ainda representam desafios a serem enfrentadas pelos professores e alunos/estagiários. Estudos verificam, por exemplo, que meninas participam menos das aulas do que os meninos, pois têm afinidade e gosto por conteúdos diferenciados daqueles que são usualmente trabalhados, como os esportes (MOREIRA; SILVA; MOURÃO, 2012; CHAN-VIANNA; MOURA; MOURÃO, 2010; DUARTE; MOURÃO, 2007).

O protagonismo da educação na dinâmica de transformações do movimento político, econômico, cultural e social é hoje um fato, e, neste cenário, temos a possibilidade de refletirmos sobre a possibilidade de trabalharmos com a Educação Física escolar numa perspectiva inovadora, tanto em seus princípios democráticos, quanto na diversificação de seus conteúdos.

As lutas, por exemplo, compõem um conteúdo pouco abordado nas aulas de Educação Física. O estudo de Ferreira (2006), que investigou a forma com que os professores de Educação Física estão trabalhando o conteúdo de lutas verificou que, dentre 50 professores da rede pública e privada da cidade de Fortaleza (Ceará - Brasil), um número pouco expressivo trabalha com este em suas aulas.

A partir da conjuntura apresentada, este trabalho tem como objetivo descrever aulas de Educação Física, de uma prática docente de estágio supervisionado realizada no Instituto Federal da cidade de Juiz de Fora - MG, em que foram experimentados processos educativos vinculados ao conteúdo de lutas.

1. METODOLOGIA

O estudo é do tipo qualitativo, construído por meio de um relato de experiência (BAUER; GASKEL, 2012). Tal abordagem se justifica na medida em que o objetivo principal é observar o fenômeno, descrevê-lo e compreender o seu significado, a partir de relações estabelecidas entre os dados empíricos acumulados e a literatura elencada.

A pesquisa foi realizada no Instituto Federal Tecnológico da cidade de Juiz de Fora (MG), numa turma de 1º ano do ensino médio do curso técnico de Edificações, no mês de dezembro de 2012, e nos meses de janeiro e fevereiro de 2013, durante o período em que cursei a disciplina de Estágio Supervisionado II,

do curso de Licenciatura em Educação Física. A turma possuía 33 alunos, sendo 18 meninas e 15 meninos, com idade entre 15 e 16 anos. O estágio foi realizado na respectiva turma por sugestão do professor regente.

Foi desenvolvido um plano de unidade baseado no modelo de Gasparin (2011), que possui os seguintes itens: cabeçalho, prática social inicial, instrumentalização, catarse e prática social final, a fim de promover nos alunos um interesse pelo conteúdo sistematizado, tornando-os mais participantes no processo de construção de seu próprio conhecimento. Foram desenvolvidos também quatro planos de aula baseados na Pedagogia Histórico-Crítica, que tem como referência o livro intitulado “Metodologia do Ensino de Educação Física” (SOARES et al., 1992).

O conteúdo eleito para as aulas foi o de lutas, dividido em três temas: boxe olímpico, judô e capoeira, o que foi decidido através de conversa com o professor regente, considerando a continuidade do planejamento do ano letivo já estabelecido entre o professor e a turma. Ao longo do ano, já havia sido trabalhado quatro dos cinco conteúdos da cultura corporal, faltando apenas o de lutas, que começaria a ser desenvolvimento logo após o período da minha chegada à escola.

Antes de iniciar os procedimentos pedagógicos de intervenção, observei três aulas do professor regente, nas quais foram trabalhados como conteúdos a ginástica rítmica, lutas de forma geral e boxe profissional, respectivamente. Nestas, pude observar parte do processo de avaliação planejada pelo professor. Em uma das aulas observadas, os alunos apresentaram uma coreografia de ginástica rítmica.

Nas aulas práticas foi possível verificar também a participação de todos os alunos, já que esta é exigida, compondo a avaliação na disciplina, exceto daqueles que estavam com atestado médico. A prova de lutas não foi observada, uma vez que foi marcada para depois do período de observação e intervenção que realizei.

Ao longo da pesquisa utilizei um caderno de campo, cujo objetivo foi registrar observações sistemáticas durante as intervenções do estágio, o que ocorria logo após as aulas, no intuito de descrever detalhadamente os fatos ocorridos e me auxiliar no momento posterior em que iria experimentar práticas educativas com a turma.

2. DESCRREVENDO AS PRÁTICAS EDUCATIVAS VINCULADAS AO CONTEÚDO DE LUTAS

2.1 O TEMA DO BOXE OLÍMPICO

A primeira aula, que ocorreu em 24/01/2013, foi sobre o conteúdo de lutas, com a abordagem do tema boxe olímpico. Iniciei perguntando aos alunos como era praticado o boxe olímpico, e se eles conheciam algum boxeador olímpico brasileiro. Eles responderam que o boxe era praticado nas Olimpíadas, e

que conheciam o boxeador Popó. Comentei, então, que este atleta pertence ao âmbito do boxe profissional, e que durante a aula falaria sobre os boxeadores olímpicos.

Após esta conversa inicial apresentei para a turma slides com a história do boxe nas Olimpíadas, as regras olímpicas e dois vídeos: “Por dentro do Boxe” e “Boxe em Londres 2012”, sendo o primeiro deles um informativo sobre o boxe olímpico e o segundo uma propaganda do boxe olímpico dos Jogos Olímpicos de Londres no ano de 2012.

Como parte prática da aula, montamos um “ringue” no centro do ginásio, demarcando a área da luta. Colocamos bancos e cadeiras em volta para serem posicionados os “juízes”, escolhidos entre os próprios alunos. O professor da turma trouxe luvas de karatê para adaptarmos ao boxe e fizemos o mesmo com as regras, inclusive proibimos socos na cabeça, pois não

tínhamos o protetor específico para a região. Foram feitos apenas um *round* de três minutos por luta.

A proposta foi percebida com estranhamento por parte dos alunos, pois parecia que eles não esperavam realizar uma experiência de luta, tampouco do boxe, na aula de Educação Física, mesmo com as adaptações das regras. O estranhamento pode ser justificado devido à sua aparente brutalidade.

Com a solicitação de voluntários para serem “lutadores”, apenas dois alunos se disponibilizaram inicialmente. Durante a luta, os alunos que estavam assistindo torciam por seus colegas. Com o término da primeira luta, solicitamos novos “lutadores”. Apesar da demora em aparecer novos voluntários, mais dois alunos se propuseram a lutar. Na verdade, alguns que estavam assistindo mostraram interesse em participar, mas pareciam envergonhados em função do destaque oriundo do “ringue”.

Ao término dessa luta, pedi que fossem duas meninas. Inicialmente todas recusaram. Passou um tempo e uma aluna (A) incentivou outra aluna (B) para ir lutar. Esta, então, ao decidir participar escolheu a aluna (C) para lutar com ela. As alunas colocaram o par de luvas, entretanto, quando o aluno que estava de árbitro mandou iniciar a luta, a aluna (C) começou a andar pelo “ringue” dizendo que não sabia lutar. Logo ela desistiu de participar, chamando a aluna (D) para ficar no seu lugar. Após a troca de alunas a luta feminina aconteceu. Depois desta houve mais três, sendo duas delas entre o professor e um aluno. As meninas da turma não quiseram mais participar.

Com o final dos *rounds*, questionei os alunos sobre como havia sido a experiência. A maioria respondeu ter gostado, e os alunos que lutaram acharam que foi mais cansativo do que imaginavam. Alguns poucos deles acharam chato assistir à luta na aula comentando, também, que não gostam de assistir às lutas de boxe nas Olimpíadas. Foi possível observar como o boxe olímpico é estranho à cultura corporal dos alunos e das

alunas do Ensino Médio da escola pesquisada. Mesmo o professor de Educação Física incentivando tal prática, ela parece não interessar aos alunos que, em sua maioria, representam-na como forma de violência.

2.2 O TEMA DO JUDÔ

A aula de judô foi dividida em dois dias. No primeiro dia (31/01/2013), foram apresentados aos alunos, por meio de slides, um breve histórico do judô, os fundamentos, as principais técnicas de amortecimentos de queda, imobilizações e estrangulamentos. Em seguida, foi apresentado um vídeo do Campeonato Europeu de 2012, com cenas que marcaram a competição.

Assim que terminou o vídeo pedi a cada aluno que pegasse um colchonete para iniciarmos a parte prática. Fizemos uma roda no centro da quadra e começamos a prática com o *Taisô*, que é a ginástica específica para o judô. Após isso, fizemos os fundamentos na seguinte ordem: começamos pelo *Rei-hô* (saudações), passando pelo *Shizei* (posturas), *Shintai* (deslocamentos sobre *Tatami*) e *Ukemis* (técnicas de amortecimento).

Logo em seguida, a turma foi dividida em duplas para serem feitas algumas técnicas de imobilização, chamadas no judô de *ossae-komi-waza*, e técnicas de estrangulamento, chamadas de *shime-waza*. Ao final da prática, indaguei como eles avaliavam a atividade. Dentre as respostas que obtive, alguns disseram ter sido cansativo, enquanto outros acharam enfadonho.

Na segunda aula, dia 07/02/2013, comecei fazendo o seguinte questionamento aos alunos “Quais regras do judô vocês conhecem?” “Qual é o objetivo do judô?” “Como os judocas fazem para conseguir dar o golpe perfeito?” Com relação à primeira pergunta, nenhum aluno soube responder. Já sobre a segunda e a terceira, escutei as seguintes respostas, respectivamente: “é dar um *ippon*”; “é usar a força do oponente a seu favor”. Percebemos, portanto, que eles já possuem um conhecimento prévio sobre tal tema.

Após os questionamentos, apresentei por meio de slides as regras do judô, as categorias olímpicas, as principais técnicas de golpes e, em seguida, foi apresentado um vídeo do TOP 5 Golpes do Grand Prix de Judô, que mostra os cinco melhores golpes do Grand Prix de Judô de Baku, em 2012, de acordo com o canal Esporte Interativo.

Encerrada a parte teórica, fomos para a prática. Reunimos-nos em roda no centro do ginásio e iniciamos com um aquecimento ativo das articulações. Em seguida, dividi a turma em duplas e chamei uma menina para demonstrar comigo alguns golpes, enquanto os outros alunos os repetiam. Foram feitos oito golpes diferentes. Entre um golpe e outro, os alunos mudavam de duplas para conseguir aplicar a movimentação corretamente, formando novas duplas de meninos com meninos, meninas com meninas e meninos com meninas.

Ao final da prática, solicitei aos alunos que se aproximassem para uma conversa sobre a atividade. Os meninos reclamaram um pouco, pois acharam o judô uma luta muito “calma”. Além disso, alguns golpes foram chamados por eles de “coisa de gay”. Entretanto, as meninas pareceram gostar da vivência no judô, até porque elas conseguiram aplicar os golpes corretamente, mesmo nos meninos, visivelmente maiores e mais pesados que elas.

Percebemos que é muito forte a representação do ocidental heterossexual junto aos meninos. A proximidade dos corpos entre os mesmos na fase da adolescência toma outras conotações, consideradas desviantes e ilegítimas (SOARES; SILVA; RIBEIRO, 2006). Tal fato aponta para alguns mitos que foram incorporados à identidade masculina desses alunos, na qual o homem cresce com a ideia de que só há duas formas de contato: o sexual e o agressivo (SANTOS, 2012). Nesse contexto, abre-se espaço para discutirmos brevemente a sexualidade e a identidade de gênero. Soares, Silva e Ribeiro (2006, p. 89) as definem como:

A sexualidade diz respeito ao modo como os indivíduos organizam e valorizam as questões relacionadas à satisfação do desejo e do prazer sexuais. A identidade de gênero refere-se à identificação do indivíduo com aqueles atributos que culturalmente definem o masculino e o feminino, num dado contexto social e histórico, revelando-se na expressão de modos de ser, de gestos, de jeitos de vestir, de atitudes, de hábitos corporais, de posturas para andar, sentar, movimentar-se, de tonalidade de voz, de seleção de objetos e adornos, etc.

Desse modo, compreendemos que alguns alunos representam as aprendizagens e práticas como modos de subjetivar construções sociais e culturais. Nas aulas de judô, todos os alunos participaram da parte prática, com exceção daqueles que estavam com atestado médico. Nessas aulas, além da participação massiva da turma, não foi percebido vergonha, a exemplo do que ocorreu com o boxe olímpico.

2.3 O TEMA DA CAPOEIRA

Na última aula do estágio, ministrada no dia 21/02/2013, trabalhamos com o tema da capoeira. No plano de aula foi planejada a apresentação de um grupo de capoeira, que traria para os alunos alguns golpes de ataque e outros de esquiva (defesa), além da realização de uma roda de capoeira propriamente dita. No dia da aula, assim que cheguei ao IF Sudeste, expliquei ao professor regente que não havia conseguido o grupo de capoeira e que, portanto, estava com dificuldade para fazer a parte prática, já que nunca tinha tido a oportunidade de participar ou mesmo de assistir uma aula e/ou roda de capoeira. A partir da minha fala, ele me explicou que, no início do ano, ao tratar dos diversos elementos da cultura corporal, trabalhou com uma parte prática relativa à capoeira, complementando que eu poderia trabalhar somente a parte teórica do tema.

Iniciei a aula com a seguinte pergunta: “A capoeira é um jogo, uma luta ou uma dança?”. Os alunos responderam não saber o que ela seria exatamente.

Em seguida, foi iniciada a apresentação, por meio de slides, de alguns conceitos de jogo, luta e dança, o que incitou as seguintes perguntas: “você consideram que a capoeira de hoje ainda tem relação com a capoeira que era praticada nas senzalas no período da escravidão?” “Vocês concordam que a prática da capoeira favorece o desenvolvimento de uma boa condição física? Por quê?” “É possível resgatar a capoeira como uma manifestação cultural desconsiderando todo o processo histórico e sociocultural que a originou?”. Tais questões suscitaram uma série de falas soltas e isoladas, que apontaram para o total desconhecimento dos alunos sobre o tema.

Logo depois, foi apresentado um breve histórico da capoeira, seus componentes, as graduações existentes segundo determinados grupos, os principais golpes, além de três vídeos: “Movimentos da Capoeira”, “Capoeira Demo” e “MMA – Quando a capoeira faz a diferença”. O primeiro remete à demonstração de alguns golpes da capoeira, o segundo versa sobre uma apresentação de capoeira, e, finalmente o terceiro, aborda o tema da luta de MMA (Mixed Martial Arts – Artes Marciais Mistas), em que um dos lutadores utiliza golpes da capoeira para vencer a luta.

Após a apresentação dos vídeos, para finalizar a aula, retomei a pergunta inicial: “a capoeira é um jogo, uma luta ou uma dança?” Os alunos me responderam que poderia se configurar como os três elementos, a depender da finalidade e do contexto na qual se encontra.

Dentre todas as práticas educativas experimentadas, a que me proporcionou um maior desafio foi a de capoeira, pois durante a minha vida, tanto pessoal quanto estudantil, não tive a oportunidade de vivenciá-la. Logo, não possuía experiência alguma em sua prática, tampouco dominava seus respectivos saberes. Os demais temas foram mais fáceis de serem trabalhados, uma vez que já havia tido a oportunidade de praticá-los, especialmente o judô, tanto na escola

como na faculdade. Como nos lembra Tardif (2002, p. 36), o saber docente pode ser definido como “um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e dos saberes disciplinares, curriculares e experienciais”.

Destacamos que a capoeira, tanto no seu aspecto histórico e sociocultural, como em seu aspecto prático vinculado ao seu saber-fazer próprio, ao ser introduzida na escola, torna-se uma ferramenta pedagógica relevante no que tange à implementação da Lei Federal 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana na Educação Básica (BRASIL, 2003).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esse relato de experiência, podemos verificar algumas dificuldades encontradas por discentes de Educação Física ao longo das experiências docentes provenientes das exigências curriculares da formação inicial. Podemos dizer que, de fato, a experiência pessoal e o acúmulo de saberes anteriores à formação inicial do futuro professor, vão influenciar tanto a forma de apresentação, bem como a seleção dos conteúdos que serão trabalhados nas aulas de Educação Física, a exemplo da maior facilidade que apresentei em trabalhar o judô em detrimento da capoeira.

Outra consideração que merece destaque versa sobre o estranhamento dos alunos ao se depararem com o conteúdo de lutas e, especialmente, com o ato de lutar proposto na aula cujo tema foi o boxe olímpico. Esta questão indica uma limitação dos conteúdos da cultura corporal trabalhados na Educação Física ao longo da trajetória escolar, o que contribui para a manutenção e reprodução das estruturas sociais dominantes.

A partir das considerações realizadas acima, podemos dizer que o desafio de uma Educação Física

crítica e inovadora na escola, voltada ao atendimento da equidade e da diversidade, ainda está pautado em trajetórias e experiências individuais, excluindo a formação inicial como responsável exclusiva pela qualidade das práticas educativas. Nesse sentido, como pauta para novos estudos, sugerimos investigações e/ou relatos que retratem metodologias diversificadas, especialmente na perspectiva da cultura corporal enquanto linguagem historicizada, a partir de práticas educativas com tantos outros conteúdos silenciados pela Educação Física na escola, como pudemos observar com o conteúdo das lutas.

EDUCATION PRACTICES DEVELOPED BY STUDENTS OF PHYSICAL EDUCATION: CONTENT STRUGGLES IN SCHOOL

Abstract

This study reports my internship experience as student of Physical Education, a class of 1st year of high school, with the contents of fights, which was divided into three themes: Olympic judo and boxing capoeira. Among these, judo was what I had to work more easily, which stems from my previous experience with this practice. From this report, we highlight some difficulties that may be encountered by graduate students at the time they begin their internship faculty. These range from infrastructure in schools, to work with the contents distant body culture of their previous experiences and accumulated knowledge even before the initial training, which excludes the latter solely responsible for the quality of educational practices.

Keywords: Fights. Initial Training. Educational Practices.

PRÁCTICAS EDUCATIVAS DESARROLLADAS POR EL ESTUDIANTE DE EDUCACIÓN FÍSICA: EL CONTENIDO LUCHAS EN LA ESCUELA

Resumen

Este trabajo objetiva relatar mi experiencia en práctica mientras estudiante de Educación Física, en una turma de 1º año de la Enseñanza Media, con el contenido de luchas, que fue dividido en tres temas: boxeo olímpico, judo y capoeira. De entre estos, el judo fue lo que tuve mayor facilidad de trabajar, lo que transcurre de mi experiencia previa con tal práctica. A partir de ese relato, podemos destacar algunas dificultades que pueden venir a ser encontradas por graduados en el momento en que inician sus prácticas docentes. Estas van desde la infraestructura en el ámbito escolar, hasta el trabajo con contenidos de la cultura corporal distantes de sus experiencias previas y de los saberes acumulados antes de la formación inicial, lo que excluí esta última como responsable exclusiva por la calidad de las prácticas educativas.

Palabras clave: Luchas. Formación Inicial. Prácticas Educativas.

REFERÊNCIAS

- BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Ed.). *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som um manual prático*. Tradução Pedrinho A. Guareschi. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física. *Caderno Cedes*, São Paulo, ano XIX, n. 48, p. 69-88,1999.
- BRASIL, Ministério da educação. *Lei Federal 10639 de 9 de janeiro de 2003*. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação

nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. Brasília, DF, 2003.

BETTI, M. Ensino de primeiro e segundo graus: educação física para que? *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Maringá, v. 13, n. 2, p. 282-287, jan. 1992.

CHAN-VIANNA, A. J. C.; MOURA, D. L.; MOURÃO, L. Educação Física, gênero, e escola: uma análise da produção acadêmica. *Movimento*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 149-164, abr./jun. 2010.

DUARTE, C. P.; MOURÃO, L. Representações de adolescentes femininas sobre os critérios de seleção utilizados para a participação em aulas mistas de educação física. *Movimento*, Porto Alegre, v. 13, n. 01, p. 37-56, jan./abr. 2007.

FERREIRA, H. S. As Lutas na Educação Física Escolar. *Revista de Educação Física*, Fortaleza, n. 135, p. 36-44, nov. 2006.

GASPARIN, J. L. *Uma didática para a pedagogia histórico-crítica*. 5. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

MOREIRA, L. R.; SILVA, R. da; MOURÃO, L. Educação Física no ensino médio: Notas sobre a Esportivização dos Conteúdos e sua Influência na Exclusão de Alunos. *Revista Mineira de Educação Física*, Viçosa, Edição Especial, v. 1, n. 7, p. 479 – 490, 2012.

OLIVEIRA, R. P. Da universalização do Ensino Fundamental ao desafio da qualidade: uma análise histórica. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 20, n. 100- Especial, p. 661 - 690, 2007.

SANTOS, S. L. C. dos. *Jogos de Oposição: Ensino das Lutas na Escola*. São Paulo, SP: Phorte, 2012.

SOARES, C. L. *et al. Metodologia de Ensino de Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992. (Série Formação do Professor).

SOARES, G. F.; SILVA, M. R. S. da; RIBEIRO, P. R. C. (Org.) *Corpo, Gênero e Sexualidade: Problematizando Práticas Educativas e Corporais*. Rio Grande, RS: Editora da FURG, 2006.

TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

Recebido em 10 de fevereiro de 2014.

Aprovado em 30 março de 2014.